

O CHAMADO DA DEUSA OSTARA
THE CALLING OF GODDESS OSTARA



EQUINOX (Temporada 1, 6 episódios). Direção de: Søren Balle e Mads Matthiesen. Dinamarca: Apple Tree Productions, 2020. Netflix (45 min).

*Susan Sanae Tsugami*¹

Equinox é uma série de suspense dinamarquesa, criada por Tea Lindeburg, dirigida por Søren Balle e Mads Matthiesen. A estreia da primeira temporada aconteceu em 30 de dezembro de 2020, na plataforma de *streaming* Netflix, e é baseada no *podcast Equinox* 1985. A versão para a televisão, transmitida pela Netflix, possui, até o momento, uma temporada com 6 episódios de aproximadamente 45 minutos cada. Segundo as resenhas voltadas ao público

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, Doutoranda do mesmo Programa. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2697-2900> E-mail: tsugamisanae@gmail.com
O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

realizadas no IMDb², a nota alcançada pela série atingiu 6.1/10, além de ter sido considerada uma série de popularidade baixa. Outros *sites* voltados para os olhares do público, como o *Rotten Tomatoes*³, demonstrou boa recepção entre os espectadores, no entanto, ressalta-se que apenas 6 pessoas realizaram resenhas sobre a série no *Rotten Tomatoes*, até então. A baixa popularidade pode ser um fator indicado pela falta de interesse do público por séries de produção estrangeira, uma vez que há diferenças nas dinâmicas, estéticas e linguagens das habituais produções americanas ou inglesas, com as quais o público pode ser mais familiarizado, de modo geral. Como *Equinox* se trata de uma série escandinava, ainda que haja opções de legenda e dublagem para o inglês, francês, polonês, português, entre outros, o interesse pela série se mostra tímido, e, assim, foi resenhada, nos portais citados acima, apenas por um grupo seleto de pessoas que se identificam com a temática ou que, ao menos, sentem-se curiosas para assistir a série.

A série *Equinox* tem como personagem principal Astrid (Danica Curcic) e conta sua jornada investigativa sobre o desaparecimento de 21 estudantes graduandos do ensino médio que sumiram no ano de 1999, durante a festa de formatura em Copenhague. Dentre os estudantes desaparecidos, estava Ida (Karoline Hamm), irmã mais velha de Astrid. O enredo gira em torno do mistério que é gerado a partir de uma ligação de telefone que Astrid recebe de Jakob (August Carter), um dos amigos e, também, ex-namorado de Ida, informando-a que o evento, relacionado ao desaparecimento dos estudantes, irá acontecer novamente. A partir deste telefonema, Astrid começa sua investigação com a finalidade de escrever uma matéria sobre o sumiço dos estudantes; sua motivação principal é entender o que aconteceu com sua irmã. Desde sua infância, Astrid apresenta episódios de “visões” ou “sonhos” que se mesclam com o mundo espiritual, os quais se intensificam após o ocorrido com os estudantes.

Já na sua vida adulta, vivências semelhantes voltam a acontecer, e as cenas que se referem às “visões” sugerem, ao espectador, uma ligação entre a personagem e o mundo espiritual. Além disso, há uma relação entre alguns momentos específicos do ano, como os solstícios e equinócios, e outros acontecimentos relacionados com a vida de personagens

² IMDb: <https://www.imdb.com/>

³ Rotten Tomatoes: <https://www.rottentomatoes.com/>

próximos a Ida, como por exemplo, a morte de Jakob, o aniversário de Astrid e o próprio sumiço de Ida.

Durante os episódios, Astrid investiga um símbolo misterioso (figura 1), que é designado, na série, como a representação do ciclo da vida. O símbolo, ainda, é descrito enquanto antigo, com origens na pré-história, o qual teria sido encontrado por toda a Europa, com datação de 34 mil anos a.C. A representação, no entanto, é meramente ficcional, criada para a produção da série; para o universo da produção de *Equinox*, simboliza o ano solar; em seu desenho, estão demarcadas datas importantes do ano, como os solstícios e equinócios. A simbologia, ainda, é definida como parte de uma crença antiga animista de deuses que teria existido há milhares de anos, sendo encontrado vestígios, dessa crença antiga, por toda a Europa. Em termos gerais, é possível observar que as crenças e práticas religiosas da Europa antiga, retratadas na série, remetem a um dos festivais celebrados no Paganismo Contemporâneo e são compreendidas, pelos personagens, sob um viés animista próximo ao que o antropólogo britânico Edward Tylor (1832-1917) acreditava ser uma forma primitiva da religião.

A série possui diversos aspectos simbólicos que remetem ao imaginário construído em torno de religiões pagãs, assim como as ressignificações que ocorrem e podem ser observadas no Paganismo Contemporâneo. *Equinox* aborda questões que são inerentes ao religioso, como a mitologia, o comportamento religioso, a performance e a celebração ritualística, além de abordar conteúdos a respeito das incompreensões das fronteiras entre o religioso/espiritual e sobre saúde mental. Segundo Geertz (2008, p. 67), as religiões podem ser entendidas enquanto sistemas simbólicos, em que suas ideias, valores, ações e senso estéticos produzem formulação de conceitos de ordem existencial que estabelecem relação profunda na motivação humana. Tais processos simbólicos possuem padrões de significado que são transmitidos por meio da história de um povo, uma sociedade ou um grupo religioso. No caso da série, podemos ver esses aspectos por meio da cosmovisão animista (conceito que é mencionado durante os episódios) e da função ritualística.

O animismo mencionado na série é explicado enquanto uma visão de mundo complexa, pois se trata de uma maneira em que sociedades antigas compreenderiam seu

mundo circundante. No meio acadêmico, o conceito de animismo gerou debates extensos, justamente por ser considerado um termo que, inicialmente, manifestava-se com controvérsias. Isso, porque, enquanto conceito acadêmico, ficou conhecido pelo trabalho de Edward Tylor (1832-1917), que argumentou ser, o animismo, uma forma “primitiva” de manifestação religiosa. Sob esse viés, ele seria um primeiro estágio das religiões, “evoluindo” para o politeísmo e, mais tarde, para o monoteísmo. De forma geral, a visão de mundo animista compreende que o planeta seria povoado por seres que habitam em tudo que existe, como os objetos, as plantas, os animais, os seres humanos, bem como, também habitam outros aspectos da existência e experiência humana. Com isso, as doenças, a morte, os sonhos teriam origem naquilo que essas sociedades entendiam como “alma”⁴ (TSUGAMI, 2020, p. 24).

Um aspecto importante, sobre o animismo, mencionado na série, está na visão de mundo que comumente relaciona as religiões pré-cristãs enquanto crenças “Indígenas” ou “nativas”; no caso da série, refere-se às práticas pré-cristãs da Europa. Harvey (2021, p. 5) considera que os movimentos indígenas europeus se tratam de um fenômeno que merece atenção. O autor explica que o termo Indígena faz referência a comunidades que possuem uma relação ou continuidade histórica com as sociedades existentes do período pré-invasão ou pré-colonização. As comunidades que pertencem à categoria Indígena se distinguem da sociedade dominante, possuem motivação tanto em preservar, quanto perpetuar seus saberes e sua cultura para as gerações seguintes. Em meados do século XX, movimentos religiosos como o Paganismo Contemporâneo, o xamanismo, e comunidades que reivindicavam suas religiões enquanto “crenças nativas” não apenas passaram a relacionar suas práticas religiosas como pertencentes à nomenclatura Indígena, como também passaram a experienciar o que Harvey (2021, p. 5) compreende como “indigenidade”.

É importante ressaltar que as religiões pagãs, para os olhares dos adeptos do Paganismo Contemporâneo, são amplamente interpretadas diante da categoria “Indígena”. Butler (2021, p. 13) explica que os grupos de Paganismo Contemporâneo geralmente associam

⁴ Diante dos inúmeros debates a respeito do conceito de animismo, Graham Harvey propõe um outro campo de investigação ontológica, chamado de “novo animismo”, entendendo que os seres humanos não são exclusivamente os únicos animados, assim sendo, o mundo faz parte de uma grande comunidade, em que nem todos os seres existentes na Terra são “pessoas”; o mundo é compreendido para além da dimensão humana (TSUGAMI, 2020, p.25).

as religiões consideradas Indígenas ao sinônimo de “religião antiga”, já que, para as compreensões dos (Neo) Pagãos, as religiões indígenas trazem um senso de religião original, no sentido de ser algo que precede as crenças impostas pela Igreja Cristã ou pelo processo de colonização. Além disso, as práticas religiosas, muitas vezes, ganham um sentido de estarem performando uma prática tradicional, assim sendo, as datas festivas, os símbolos e os mitos, trazem, para as compreensões de grupos de Paganismo Contemporâneo, um sentido de resgate de práticas tradicionais, originais e antigas. Entretanto, torna-se importante enfatizar que essas compreensões fazem parte de um processo de ressignificação e reinterpretação.

A respeito desse processo, Harvey (2021, p. 5) explica que são, pelo menos, três formas de processos pelos quais podem-se identificar essa “indigeneidade” nos discursos encontrados em grupos de Paganismo Contemporâneo: o primeiro está no fato de que essas comunidades reivindicam suas práticas enquanto religiões ancestrais, sendo estas tanto pré-cristãs, quanto pré-modernas; a segunda forma pode ser observada na maneira com que absorvem, para si, aspectos religiosos e aprendizados de povos Indígenas, como, por exemplo, os povos ameríndios, povo da Sibéria, dentre outros; a terceira forma de indigeneidade se manifesta no crescimento significativo que esses movimentos vêm apresentando, desde o fim do século XX. Além disso, grande parte dos grupos ou comunidades reivindicam esse espaço de indigeneidade de suas práticas e crenças, fato que culminou para o entendimento de que as crenças nativas também fazem parte da construção de suas identidades religiosas ou espirituais (HARVEY, 2021, p. 8).

As datas relacionadas aos solstícios e equinócios, mencionadas na série *Equinox*, são uma retratação da importância que o calendário anual possui tanto para as sociedades antigas, para os germânicos e para os celtas, quanto para as ressignificações do (Neo) Paganismo. Tsugami (2020, p. 83) explica que, além da contagem do tempo, esses momentos demarcavam períodos importantes do ano, como a preparação para o inverno, a celebração da colheita, a celebração da primavera, os rituais de sacrifícios e demais eventos, como expedições para viagens e invasões. É, portanto, fundamental, para se compreender as práticas religiosas das sociedades antigas e, conseqüentemente, as reinterpretações dessas crenças - como ocorre, por exemplo, com o Paganismo Contemporâneo - entender a importância que os festivais folclóricos da Europa possuem para a sua prática religiosa e/ou espiritual. No contexto

contemporâneo, estes festivais são entendidos enquanto celebrações relacionadas aos ciclos da natureza, às estações do ano, aos solstícios e equinócios e às fases da lua.

Sobre as datas festivas e suas ressignificações no Paganismo Contemporâneo, White (2016, p. 131) argumenta que é importante esclarecer que se trata de reinterpretções dos festivais antigos, que possuem função importante de promover um senso de autenticidade para a fé religiosa. Os festivais foram popularizados na comunidade (Neo) Pagã por meio do trabalho “pseudo-histórico” de Margaret Murray (1863-1963) e seu livro publicado em 1921, *O culto da Bruxaria na Europa Ocidental*, em que a autora defendia que as “bruxas” possuíam duas datas religiosas importantes: a véspera de maio (30 de abril) e a véspera de novembro (31 de outubro), além de, também, defender que havia outras datas religiosas que eram celebradas como os solstícios de verão e inverno e a Páscoa (Ostara). Foi por meio das ideias de Murray que muitas vertentes do Paganismo Contemporâneo, em especial a Wicca, elaboraram seu sistema festivo religioso. Há, portanto, menções históricas de alguns festivais, como é o caso do *Beltaine* e do *Yule*, por exemplo. No entanto, é importante lembrar que a forma como esses festivais são celebrados hoje são produtos de um processo complexo de ressignificação (WHITE, 2016, p 132).

O equinócio de primavera, conhecido, no Paganismo Contemporâneo, como Ostara (20 de março), representa um momento do ano de renovação, em que muitos praticantes da Wicca o relacionam com a fertilidade. White (2016, p 137) explica que, no trabalho de Murray, a autora não incluiu os equinócios como parte do culto das “bruxas”, e, conseqüentemente, Ostara não foi um festival inicialmente cultuado no (Neo) Paganismo. Entretanto, Ostara passou a ser relacionado com o festival cristão nomeado de Páscoa, e os (Neo) Pagãos argumentaram que os tradicionais ovos de Páscoa decorados seriam, na realidade, uma tradição antiga do período pré-Cristão. Segundo o autor, o monge anglo-saxão Bede (673-735) argumentou que o nome do mês de abril, em inglês antigo (*Eosturmonath*), estava relacionado ao nome de Eostre, uma entidade antiga do período pré-cristão. Já no século XIX, o folclorista Jacob Grimm (1785-1863) sugeriu que Eostre seria uma representação de uma deusa, conhecida entre os Germânicos como Ostara.

Os dados historiográficos apontam que, provavelmente, a deusa Ostara tenha sido uma construção do período medieval, no entanto, existem alguns debates a respeito da sua existência. Alguns estudiosos, como Belmaia (2016, p. 89-116), argumentam que há indícios que podem sugerir que Bede não teria inventado, em seus inscitos, as informações sobre culto à deusa Eostre e que, mais tarde, este culto passou por um processo de ressignificação, transformando-se na Páscoa cristã. Outros autores, como Sermon (2008, p. 331-334), defendem que as associações entre a celebração da Páscoa e possíveis festivais pré-cristãos seriam apenas uma coincidência. No contexto da série *Equinox*, o entendimento retratado é que Ostara seria uma deusa cultuada no período pré-cristão, e é sugerida uma possível sobrevivência ou processo de recriação do culto à referida entidade. A série, também, reconta o mito da deusa Ostara, como um mito semelhante entre o encontro da deusa da primavera com o *Green man* ou o deus Cernunnos, dependendo da vertente que se segue. Mito este que é amplamente conhecido no Paganismo Contemporâneo, especialmente na religião Wicca. O mito, na série, é descrito como um encontro que aconteceu entre a deusa Ostara e o Homem Lebre (Lepusman), os dois teriam se apaixonado e dançado durante a noite inteira. Ostara volta para a sua casa e, no ano seguinte, ao retornar à Terra, durante a primavera, encontrou vários ovos pintados em sua homenagem.

Apesar do foco na deusa Ostara, a série estabelece que a entidade central deste culto é o Homem Lebre (Lepusman), no entanto, enfatiza a importância do encontro que acontece entre as duas entidades. O ano cíclico dessa “religião antiga”, tal como descrita em *Equinox*, tratava-se de ritos de fertilidade. O grupo religioso que aparece na série retoma essa prática religiosa “pagã antiga”, realizando a ritualização do mito da deusa Ostara com o Homem Lebre (Lepusman). Aspectos importantes sobre as compreensões religiosas do Paganismo Contemporâneo são retratados durante a performance do ritual de Ostara. A experiência ritualista em grupos de Paganismo Contemporâneo pode ser compreendida diante do que Ezzy (2014, p. 41) compreende enquanto liminalidade; refere-se, portanto, a um espaço limiar do “entre”, tratando-se de um período transacional. Nesse sentido, o espaço limiar, que é criado pelo ritual – como sua infraestrutura, as pessoas que o frequentam, sua forma estética e as práticas ritualísticas (canções, tambores, fogueira, vestimentas, comidas e bebidas) – pode ser promovido pela sua performance ritualística.

Um aspecto interessante tratado na série, que é possível compreender como uma referência ao espaço limiar, é o deslocamento dos praticantes do culto e dos personagens para a ilha. A separação do que é mundano e a transição para o espaço limiar são fatores que tornam a estrutura do festival – apesar de ser estranha aos personagens da série – um lugar propício para se sentirem tentados a se permitirem estar na experiência religiosa. No caso de Ida, personagem escolhida para representar a deusa Ostara, há uma dissolução do seu comportamento de “normalidade”, assim sendo, no momento do ritual, ela é conduzida a performar sexualmente como a deusa Ostara, e seu momento de encontro com a entidade Lepusman. No estudo realizado por Ezzy (2014, p. 44), o autor argumenta que o ritual e sua estrutura são essenciais para que os praticantes de uma religião – nesse caso, do Paganismo Contemporâneo – sintam-se seguros para se comportar e para agir de forma inesperada, nomeada pelos participantes da sua pesquisa como “coisas loucas” (p. 44). Assim sendo, essas “coisas loucas” não aconteceriam diante do mundano e, com isso, cria-se um espaço “entre os mundos” potencial para que as mudanças pessoais e sociais aconteçam.

É importante observar que, apesar das produções midiáticas e da cultura pop não terem obrigação de um comprometimento histórico ou fidedigno ao que acontece em ambientes religiosos – como no caso do Paganismo Contemporâneo – elas, ainda assim, produzem interpretações que influenciam a maneira como os espectadores formulam seus conhecimentos e sentimentos perante os temas tratados. Diante desse aspecto, Triana e Gómez (2016, p. 116) argumentam que essas produções estão influenciadas pelos posicionamentos dos diretores e da equipe de produção, uma vez que o tipo de relação que querem estabelecer com o público, assim como a forma como querem retratar sua história, perpassa por um processo de pensamento, discernimento e escolhas. Dessa forma, cada espectador, absorve e interpreta as informações, influenciados tanto pela maneira como a história de um filme, série, livro, dentre outros, é retratada; além disso, o espectador também está sendo intermediado por suas próprias compreensões de mundo.

Assim sendo, a série *Equinox*, apesar de apresentar algumas criações que não condizem com a historiografia – como é o caso do símbolo que é logo da série (figura 1) e do culto ao Lepusman e à deusa Ostara –, demonstra um parâmetro interessante sobre a performance ritualística, o comportamento religioso, a função do ritual e a importância dos festivais do

Paganismo Contemporâneo para o seu contexto religioso. Em termos gerais, a série provoca curiosidade, prendendo a atenção do espectador na jornada investigativa de Astrid e sua ligação com o “outro mundo”.

Referências Bibliográficas:

Fontes Primárias:

EQUINOX (Temporada 1, 6 episódios). Direção de: Søren Balle e Mads Matthiesen. Dinamarca: Apple Tree Productions, 2020. Netflix (45 min).

Fontes Secundárias:

EZZY, Douglas. *Sex, Death and Witchcraft: A Contemporary Pagan Festival*. London: Bloomsbury, 2014.

BELMAIA, Nathany Andrea Wagenheimer. De Eostre a Easter: ressignificação de um culto pagão na Inglaterra Medieval. *Tempos Históricos*, Volume 20, 2016, pp. 89-116.

BUTLER, Jenny. Entering the Magic Mists: Irish Contemporary Paganism, Celticity and Indigeneity. In: HARVEY, Graham (Ed). *Indigenizing Movements in Europe*. Bristol: Equinox, 2020. pp. 13-29.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HARVEY, Graham. Indigenizing Movements in Europe. In: HARVEY, Graham (Ed). *Indigenizing Movements in Europe*. Bristol: Equinox, 2020. pp. 1-11.

SERMON, Richard. From Easter to Ostara: the reinvention of a pagan goddess. *Time and Mind*, 1(3), 2008, pp. 331-344.

TRIANA, Bruna; Gómez, Diana. A análise fílmica na antropologia: tópicos para uma proposta teórico-metodológica. In: BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar; HIJIKI, Rose; NOVAES, Sylvia (Org). *A Experiência da Imagem na Etnografia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2016. pp. 109-126.



TSUGAMI, Susan. Animismo. In: LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de História das Religiões na Antiguidade e Medievo*. Petrópolis: Vozes, 2020, pp. 22-25.

TSUGAMI, Susan. Calendários religiosos celtas e germânicos. In: LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de História das Religiões na Antiguidade e Medievo*. Petrópolis: Vozes, 2020, pp. 80-84.